

PROSA

Dois Dedos de

Nº 44 - Recife PE - Abril de 2005

Água: Fonte da vida

Sem ela não há flores, não há floresta, não há alimento, não há beleza e a humanidade não existiria. Estamos falando da água. Líquido precioso, necessário para a sobrevivência humana. Motivo de cobiça. O Brasil é um país privilegiado, tem água em abundância. Mesmo assim, não são poucas as localidades onde a água é artigo de luxo. Na falta de iniciativas, por parte dos governos, para solucionar a falta de água entre a população carente, Organizações Não Governamentais e os próprios atingidos pela escassez buscam alternativas para o problema.

Veja páginas, 3 e 8.

Foto: Arquivo Centro Sabia

Foz do rio São Francisco / Piaçabuçu-AL

Foto: Antonio Biondi/Agência Carta Maior

Leia mais:

Água para todos
págs. 4 e 5

Preservando as fontes
pág. 7



Sobre a água

Joseilton Evangelista e Aldo Santos

Na sua primeira edição do ano, **O Dois Dedos de Prosa** aborda a temática da água. Um assunto de grande importância para a sociedade. Por esta razão, não podemos deixar de expor as experiências que as famílias agricultoras têm no cuidado com esse recurso natural, que a cada dia fica mais escasso.

O Centro Sabiá, ao longo dos últimos anos, vem trabalhando junto às famílias e às organizações de agricultores e agricultoras a questão da segurança hídrica. A nossa compreensão é de que se trata de um direito que as pessoas têm. Um direito que está sendo negado a maioria da população que vive no semi-árido brasileiro. O problema não é apenas de quem mora no semi-árido, mas também de quem vive na região da Mata, onde as fontes de água continuam sendo destruídas pelo desmatamento e os lençóis d'água contaminados pelo uso de pesticidas e inseticidas.

As ações desenvolvidas pela Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA), revelaram, no V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre - RS, a importância de trabalhar políticas públicas e articular redes internacionais que promovam ações de garantia do direito ao acesso à água, possibilitam o bem-estar e a qualidade de vida para as pessoas.

Neste sentido, alguns resultados já são apontados pelas famílias que estão envolvidas nas dinâmicas de capacitação e mobilização social para convivência no semi-árido. Muitas famílias, hoje, já têm água para beber durante o ano inteiro.

Para nós, é necessário trabalhar tecnologias para acumular água da chuva como também apoiar o fortalecimento das organizações dos agricultores, desenvolver sistemas de produção que busquem o equilíbrio ambiental, diversifique a produção e gere renda. Com esses elementos, acreditamos ser possível construir melhores condições de vida para quem vive no campo, estimulando o exercício da cidadania.

Momento de aprendizagem

Centro Sabiá participa do Fórum Social Mundial



Foto: Daniel Rodrigues

Da E/D: Aldo, Alexandre, Alba e Laudénice, durante Fórum Social.



Foto: Alexandre Pires

Em Porto Alegre - RS, marchou-se por soberania, direito à água...



Foto: Pleten Vrandek

...Pela economia solidária e pela agricultura familiar.

Para guardar água da chuva

Adessu melhora formação dos lajedos com paredões

POR ALEXANDRE HENRIQUE PIRES

A idéia não tem um dono ou uma dona. O fato é que várias famílias, que vivem na região semi-árida de Pernambuco, utilizam essa forma de guardar a água que cai da chuva: os caldeirões de pedra, formação encontrada nos lajedos. Para guardar um volume maior de água nesses caldeirões, as famílias fazem algumas adaptações na sua formação.

De conhecimento dessa forma de guardar a água da chuva para o período mais seco, a Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu), tem realizado um trabalho para melhorar esse jeito de armazenar a água. O

projeto, batizado de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Serra da Baixa Verde, atende 34 comunidades rurais dos municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, no Sertão de Pernambuco. A Adessu forma

parceria com as comunidades para construir os caldeirões que chegam a acumular até 30 mil litros de água da chuva. A Associação entra com o material de construção e a comunidade com a mão-de-obra e a manutenção.



Fotos: arquivo Adessu

Formação dos lajedos que guardam a água da chuva

Construção dos Caldeirões

No sítio Lagoa do Almeida, em Stª Cruz da Baixa Verde, dois caldeirões já foram construídos. “A água facilita a vida, porque fica mais perto. Os caldeirões ajudam a muita gente aqui”, explica o agricultor Heleno Alves de Souza. A água acumulada nos caldeirões é usada, principalmente nos afazeres domésticos e para dar de beber aos animais. De acordo com Heleno, 20 famílias da comunidade se beneficiam com essa água, aproximadamente 100 pessoas. “Antes de fazer as paredes, as mulheres iam lavar roupa numa cacimba mais distante daqui. Agora, a água dura até sete meses”, afirma ele.

As paredes são construídas ao redor do caldeirão aumentando assim sua capacidade de acumular mais água. O dono da terra, onde há o lajedado para construir o caldeirão, assi-

na um documento se comprometendo em permitir que qualquer pessoa da comunidade utilize a água ali guardada. As pessoas das comunidades também assumem um compromisso: não estragar e nem sujar a água acumulada. Na comunidade Baixa das Flores, em Santa Cruz, Ivonete Lídia Vieira e sua irmã Valdimira tomam conta do único caldeirão da comu-

nidade. Ele tem capacidade para 20 mil litros d'água e atende um grupo de onze famílias. As mulheres da comunidade cuidam do local com muito zelo: roçam o mato, organizaram “batedores” de roupa e cercam o local para que os animais não entrem. Antes, elas caminhavam cinco quilômetros para lavar roupa.

Construção dos muros para juntar mais água



Água: não podemos viver

Um bem que deve ser transformado em patrimônio

POR LAUDENICE OLIVEIRA

Sem ela não há vida, ela é um bem essencial. Fala-se até que a próxima grande guerra mundial pode ser por sua causa. Do que estamos falando? Da água. Desse bem que nós, brasileiros, temos em grande quantidade e que vem gerando cobiça internacional.

Hoje, a água é assunto que diz respeito a todo mundo. Em Pernambuco, famílias agricultoras, entidades e diversas organizações de igreja e de trabalhadores também resolveram colocar esse assunto na ordem do dia. Reunidos em Pesqueira, no dia 22 de março - Dia Internacional da Água -, representantes de 23 municípios do Agreste Setentrional pernambucano realizaram passeata para chamar a atenção da população para o assunto água.

A atividade marcou o encerramento das comemorações da Semana da Água na região. Debates, dis-

cussão sobre a necessidade da preservação de poços, rios, açudes e diversas fontes de água foram realizados nas comunidades rurais e nos municípios do Agreste Setentrional. Desses debates, nasceram várias propostas para solucionar o problema da falta de água na região e preservar os mananciais existentes. A caminhada, seguida de palestra, debates e apresentações culturais, marcou o encerramento da Semana da Água. Cáritas, Articulação no Semi-Árido (ASA) e Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor (CEDAPP) promoveram o evento.

Avaliando o evento

Para o secretário regional da Cáritas Brasileira, José Hamilton da Costa, as atividades mostraram a vida que agricultores e agricultoras trouxeram para comemorar o Dia Internacional da Água. "Essa vida é demonstrada pela participação, pelas interven-



Apresentação do cavalo marinho

ções durante os debates e na crença de acreditar que é possível uma convivência com o Semi-árido", explica Hamilton.

De acordo com Denise Assis, da Cáritas Pesqueira, O resultado é bastante positivo já que levou diversas comunidades a participarem ativamente dos eventos e mostrou o inte-

Fotos: Laudénice Oliveira



Agricultores(as) participaram ativamente

r sem ela

io da humanidade

resse da população. "O tema água foi trabalhado em todos os municípios e sentimos que esse tema estava no coração do povo, na vida desse povo", afirma Denise.

O técnico do CEDDAPP, Edgar Oliveira de Almeida, chama a atenção para o Programa Um Milhão de Cisternas (PIMC), que está estimulando atividades diversas nas comunidades. "Esse programa envolve muitas outras entidades e em conseqüência, um maior envolvimento da população. Tá, inclusive, havendo maior empenho dos poderes municipais, já que se sentem pressionados pela comunidade a prestarem melhor serviço".

A Agricultora Irene Faustino



Municípios realizaram seus encontros

dos Passos não poupou esforço para vir à caminhada. Beneficiada pelo Programa Um Milhão de Cisternas ela acredita ser importante participar de momentos como esse. "A gente tem que ter força de vontade para lutar por alguma coisa e para

ter alguma coisa o povo precisa se juntar", defende Irene, mãe de sete filhos e que, apesar de trazer sua filha Lívia Gabriela, de apenas dois meses, participou das atividades até o final, junto com o marido Antônio Marcos da Silva.

A água tem que ser do povo

Durante a palestra que fez parte da programação das atividades do Dia Internacional da Água, em Pesqueira, o coordenador da ASA e do Centro Sabiá, José Aldo dos Santos, chamou a atenção para a importância de discutir a questão da água como um bem para todos. "A água dos açudes, das barragens, dos riachos, das cacimbas tem que ser do povo e não pode ser controlada por meia dúzia de pessoas", defende.

Para José Aldo, o Programa Um Milhão de Cisternas tem transformado a realidade de muitas famílias sertanejas. "Essa conquista de vocês, está mudando a realidade do semi-árido. Vocês não estão

combatendo a seca, estão aprendendo a conviver com a água da chuva que serve para beber, para se alimentar", diz ele. "Através de uma cisterna a gente pode mudar a realidade. Se vocês conquistaram uma cisterna, podem conquistar outras coisas para a comunidade, para o município, e porque não para o Brasil?", incentiva.

São Francisco - A transposição das águas do rio São Francisco também entrou no debate. De acordo com José Aldo, as grandes obras construídas até hoje para beneficiar a população com água não existe. As que foram feitas, até agora, só servem para os grandes empresários e seus empreendimentos. A população pobre continua desassistida e não vai ser com a transposição das águas do São Francisco que isso vai mudar. O

projeto, inclusive, tem os mesmos princípios dos outros e pretende beneficiar o agronegócio e seus promotores.

O assunto serviu para colocar os agricultores e as agricultoras no debate sobre a transposição. Muitos deles desconheciam o assunto. Os que ouviram falar só sabiam que era algo realmente bom e não, no mínimo, questionável. O momento serviu para a ASA, o Centro Sabiá e as diversas organizações presentes reafirmarem a posição contrária a transposição do Rio São Francisco, ou a integração de bacias - como chamam agora. O presidente do Sindicato Rural de Belo Jardim, Araújo Ribeiro, também fez questão de se posicionar: "sou totalmente contra a transposição das águas do Rio São Francisco", disse durante o debate.

Rio São Francisco

Governo ignora problemas que a transposição pode gerar

POR LAUDENICE OLIVEIRA

Foto: Antonio Biondi/Agência Carta Maior

De um lado o governo federal insiste na transposição das águas do rio São Francisco agora chamada de Integração das Bacias. Do outro, organizações da sociedade civil, pesquisadores e ambientalistas mostram que o projeto trará graves problemas para o rio e o meio ambiente. Enquanto isso, o São Francisco segue sereno e belo, desconhecendo o seu futuro.

A justificativa do governo é que a água do São Francisco vai matar a sede dos nordestinos. Especialistas no assunto mostram por A mais B que isso não é verdade. Já a população necessitada, a maioria morando no meio rural, não sabe do que estão falando e sequer acreditam que o projeto saia do papel. Estão calejados de promessas.

A idéia de fazer a transposição das águas do rio São Francisco é antiga. No Governo Fernando Henrique Cardoso, chegou-se a contratar até uma consultoria estrangeira para analisar o projeto. Os consultores disseram ser viável, porque assim queria FHC, mas chegaram a identificar 38 problemas de impactos ambientais causados pela transposição. Entre eles, extinção de algumas espécies de peixe, o aumento desordenado de piranhas, aumento de erosão, principalmente nas áreas desmatadas, prejuízo arqueológicos devido as escavações dos túneis e assoreamento do rio. Mesmo assim, na época, o projeto recebeu parecer "ambientalmente viável".



Lavadeiras no rio São Francisco / Piaçabuçu-AL

A coisa é tão doída que até o Banco Mundial se recusou a financiar a transposição, quando FHC solicitou recursos. Para o Banco Mundial, "o projeto teria pouco efeito sobre o custo das reservas emergenciais de água durante os anos de seca". O relatório do banco ainda diz que: "reservas seguras de água para abastecimento doméstico em todo o Nordeste poderiam ser garantidas por meio de alternativas cujo custo seria uma fração do preço do projeto proposto".

Projeto ressuscitado

Naquela época, o projeto não foi aprovado. O próprio PT foi contra. Hoje, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva o ressuscita e tenta convencer a todos que a transposição é necessária. Pode até ser necessária, mas para o agronegócio, não para agricultura familiar e o abastecimento das popula-

ções carentes. Até hoje tem gente morando na beira do rio São Francisco e não tem água em casa. O governo quer construir grandes tubulações para levar água para o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, gastar milhões com isso. Porém, nenhum governo pensa em fazer encanações mais baratas e em distância menor para resolver o problema da falta de água dessas famílias que moram em cima de rios e de açudes, mas dependem de carro-pipa e da "boa vontade" de prefeitos e vereadores para ter água em casa.

Não é de se questionar essa transposição? Quem seria beneficiado com uma obra tão grandiosa? Com certeza as grandes empreiteiras, donos de fazendas e grandes produtores para exportação da região Nordeste.

Fontes: Agência Carta Maior e Sindisan/SE.

Comunidade cuida bem

Da água da cacimba, do rio e do poço

POR SARA RUFINO

O cuidado com a água de beber é algo importante para as famílias do engenho Conceição, município de Sirinhaém, Mata Sul de Pernambuco. A cacimba que existe na comunidade recebe tratamento de quinze em quinze dias. Três famílias são responsáveis pela limpeza da fonte que beneficia 30 famílias.

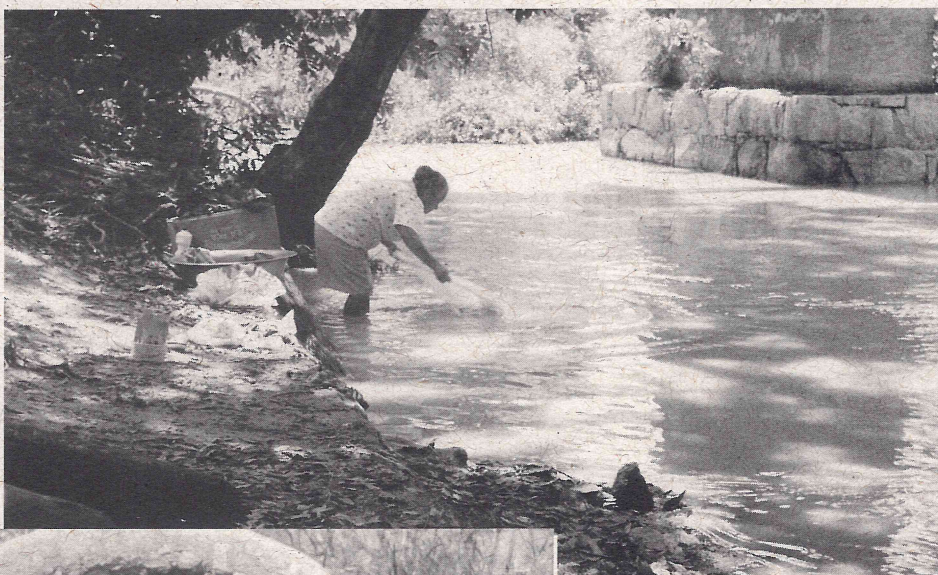
Lavar e escovar, para evitar o acúmulo de lodo e folhas, fazem parte da limpeza. Neste momento, também é colocado o cloro. Tirar o mato que cresce ao redor da cacimba é tarefa dos homens da comunidade, que fazem isso uma vez por mês, ou quando necessário. Todo esse cuidado, é porque os beneficiados com a água sabem da sua importância. “A gente não deixa animal perto da cacimba, nem toma banho no local. Essa água é de beber”, explica Gilvaneide Martiniano de Freitas.

No engenho Conceição também tem um poço e o rio Quilebras passa na comunidade. A água do poço é salobra. Ele

tem 17 metros de profundidade e foi aberto para resolver o problema de abastecimento das famílias durante o inverno. A cacimba fica próxima ao rio e quando ele enche não há como pegar água no local. Durante o verão, a água do poço só é utilizada para cozinhar, lavar roupa e para outras atividades domésticas.

As famílias da comunidade também usam a água do rio Quilebras para lavar roupas e pratos. Os agricultores também utilizam essa água para irrigar al-

gumas plantações. O rio é considerado poluído, porque na região há grandes plantações de cana-de-açúcar cultivadas com o uso de agrotóxicos. Evidentemente que as chuvas levam os resíduos dos adubos químicos para o rio. Mas, na parte que passa na comunidade, os ribeirinhos tentam conservar como podem: não colocam lixo e nem derrubam a mata ciliar, composta principalmente por ingazeiros e espinheiro. “Aqui a gente cuida pra não sujar o rio”, informa seu Domingos Martiniano.



Rio Quilebras. Sirinhaém/PE



Cacimba da comunidade

Fotos: Sara Rufino

Mais cisternas

Agora, na comunidade de Tatus

POR REGINALDO SILVA E VILMAR LERMEN

Mais trinta famílias do município de Surubim, Agreste de Pernambuco, serão beneficiadas pelo Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semi-Árido: Um Milhão de Cisternas (PIMC). Desta vez, a comunidade beneficiada é Tatus, que fica a 7 km de Surubim, na área rural.

O Programa Um Milhão de Cisternas é administrado pela Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA/Brasil). O Centro Sabiá faz parte da ASA e é uma das Unidades Gestoras Microrregionais do PIMC (UGM), no Agreste pernambucano. Na comunidade de Tatus, onde o Centro Sabiá está atuando, a execução do programa começou em fevereiro e vai até junho deste ano. O trabalho é realizado em parceria com a Associação dos Agricultores de Tatus, que tem duas mulheres como principais dirigentes: Marluce dos Santos Vicente (Presidente) e Maria José Paula de Souza (Secretária).

Marluce Santos e Maria José estão contentes com a conquista das cisternas. "Isso fortalece a associação, porque foi o primeiro projeto que ela recebeu. O pessoal ficou muito animado", afirma Marluce. "O povo achava que era mentira, quando a gente falava nas reuniões e assembléias", informa Maria. A construção das cisternas traz uma outra perspectiva de vida para as famílias beneficiadas. "O povo tinha dificuldade de ter água. A água é dos barreiros e quando eles secam, tem que ser de carro-pipa. Agora vai ficar bom. As dificuldades vão ser menor", acredita Marluce.

A presidente da Associação está tão entusiasmada que até pretende aprender a construir as cisternas. "Eu queria ver como se constrói para aprender. Muitas mulheres estão ajudando a cavar os buracos onde vai construir as cisternas", comenta feliz. Para quem vive na escassez de água, sabe da importância de uma cisterna: água limpa e boa para dar de beber a família.



Marluce (blusa preta) e Maria José (blusa laranja) contentes com as cisternas

O Amante da Natureza

Eu sou um apaixonado
Amante da natureza
Eu cuido das minhas plantas
Com todo teor de pureza

Meu jardim meu paraíso
Minha fonte de riqueza
Planto a semente na terra
Eu rego, e ela germina
Nasce, cresce e brota fruto
Igual uma moça menina
São coisas da natureza
São obras da mão Divina

Paquero as flores das plantas
Namoro os frutos maduros
Sou noivo da natureza
Casado com o futuro
E vivo no paraíso
Em lua-de-mel com o ar puro
A água é sangue, é vida
Que através da chuva se lava
Deixando nossas florestas
Alegres que nem crianças
Transformando a paisagem
No verde da esperança

José Milton dos Santos (Miltinho)
Agricultor da comunidade de Carro
Quebrado - Triunfo/PE

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. **Endereço:** Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50050-080. **Fone/Fax:** (81) 3223.3323/7026. **E-mail:** sabia@centrosabia.org.br. **Diretoria:** presidente- Jones Severino Pereira; vice-presidente- Domingos Sávio; secretária – Sandra Regina. **Coordenação:** coordenador geral – José Aldo dos Santos; coordenador técnico – Joseilton Evangelista; coordenadora administrativa – Verônica Batista. **Equipe Técnica:** Adeildo Fernandes, Alexandre Henrique Pires, Antônio Carlos Ferreira, Pieter Vranckx e Vilmar Lermen. **Equipe Administrativa:** Edneide Alves, Eliezer Ricardo da Silva, Janaina Ferraz, Margareth Carneiro, Pedro Eugênio da Silva, Vânia Luiza Silva e Valdemir Rodrigues. **Projetos Especiais:** Aline Nunes da Costa, Carla Maria de Oliveira, Jailson Lopes da Penha, Márcia do Amaral Costa, Reginaldo José da Silva, Sara Regina Rufino e Tobias Antas Alves. **Redação e Edição:** Laudenice Oliveira (DRT/PE 2654). **Estagiária:** Rebeca Barreto. **Diagramação:** Marta Braga. **Apoio:** ICCO, Ministério do Meio Ambiente, TDH e Misereor. **Tiragem:** 2.000 exemplares. **Impressão:** Provisual Divisão Gráfica

*O Dois Dedos de Prosa é impresso em papel reciclado